

POLÍTICA CULTURAL

Brasília vai reverter o marasmo

Wladimir Murtinho acredita no potencial da cidade para o fazer cultural

Severino Francisco

Daqui a uns 20 anos, se alguém quiser saber quem foram os administradores culturais da cidade terá de escarafunchar atas, processos e outros documentos burocráticos. Ou seja: os tais administradores não fizeram nada pela cidade. Porém mais de 10 anos após a sua gestão (1975 a 1979) à frente da Secretaria da Educação e Cultura do DF, o embaixador Wladimir Murtinho é um nome que desperta simpatia na cidade.

A sua gestão foi marcada pelo dinamismo traduzido em ações como a da criação do Centro de Criatividade e outros espaços culturais da 508 Sul, com apoio para funcionar a pleno vapor. E em uma época que possivelmente não ficará na história como a do paraíso da democracia morena. Talvez não seja por mero acaso. O embaixador vivencia o cotidiano da cidade, podendo ser avistado, com frequência em cinemas e teatros, ao contrário de toda uma linhagem de administradores que transforma qualquer questão cultural em um dossiê burocrático. Ele conhece tanto o cotidiano cultural da cidade quanto o labirinto da administração. Procurado pelo **Jornal de Brasília**, Wladimir Murtinho fala, nesta entrevista, sobre o eterno (pelo menos até agora) impasse da cultura em Brasília.

Jornal de Brasília — Por que Brasília não dá certo em termos culturais?

Wladimir Murtinho — Primeiro não houve desejo verdadeiro de que Brasília desse certo, em termos culturais, até agora. Não sei se porque não havia prioridade neste sentido ou pelo fato das dificuldades econômicas para se viabilizar isto. Mas eu acho que a cidade ainda não percebeu que tem todas as condições para reverter esta situação: tem grupos, tem jornais com segundo caderno, tem público. E mais do que isto tem o desejo profundo de ter acesso à cultura.

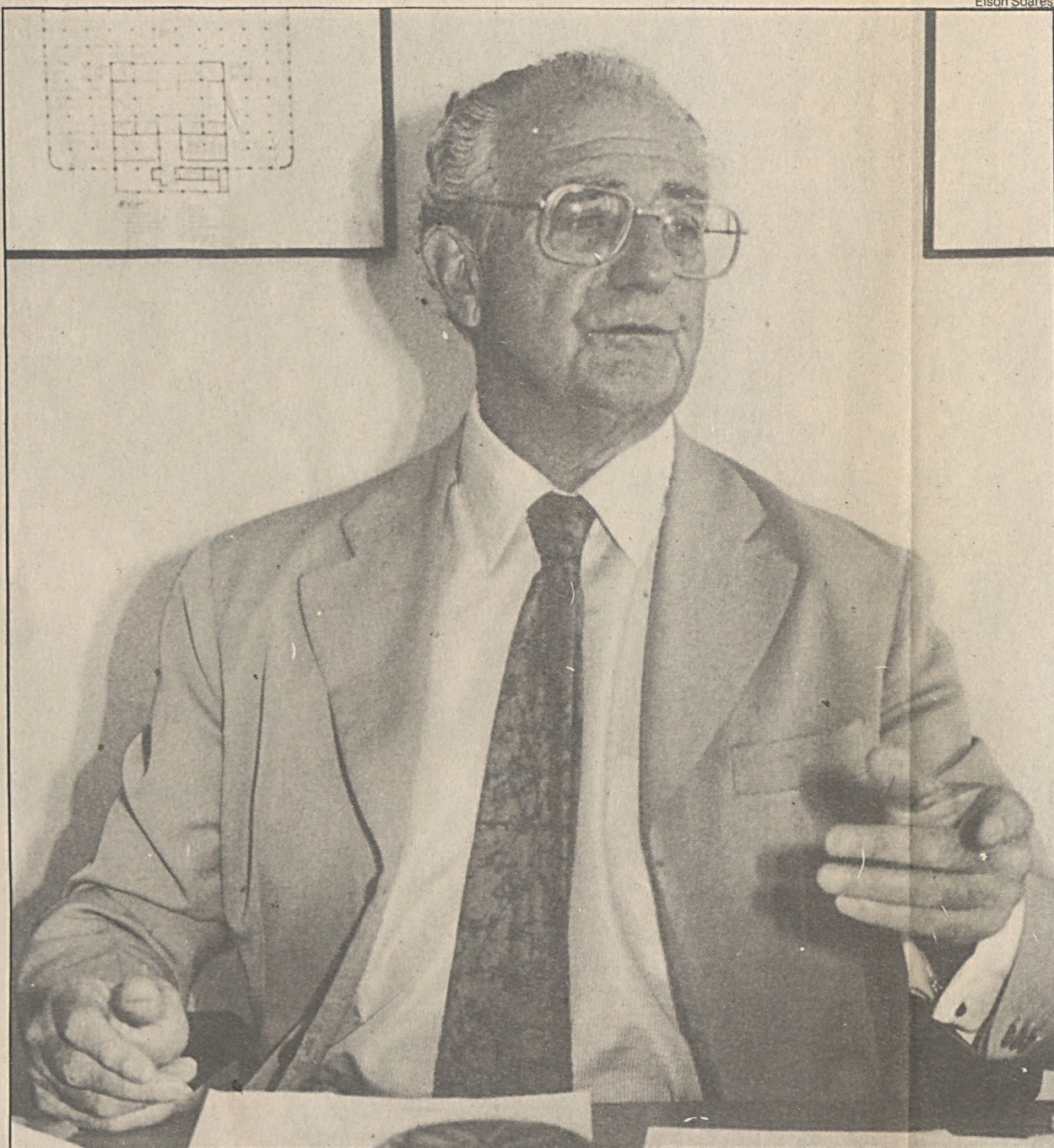
— Existe uma rejeição dos grandes produtores em relação a Brasília?

— Acontece que para retirar as produções do eixo Rio e São Paulo exige um entrosamento perfeito das autoridades responsáveis pela cultura e dos produtores culturais locais. E também não houve até agora a convicção de que esta cidade é a capital do País. Temos um excelente circuito de salas. A multiplicidade de salas que existe aqui só se iguala a Rio e São Paulo. E veja que quando há uma boa programação a resposta do público é imediata. Veja o caso da programação de cinema da Sala Alberto Napomuceno. É um bom caminho. O público comparece porque sabe que a escolha é criteriosa. Isto cria um público para a Sala Alberto Napomuceno da mesma forma que há um público também para o Cine Brasília. Em artes plásticas era necessário se criar um programa de exposições intercalando a produção de fora e a produção local.

— Como situa hoje Brasília em relação ao País?

— As condições de Brasília estão refletindo um pouco o pessimismo geral do País. Mas basta saber fazer as coisas para que haja resposta. Não existe, por exemplo, um calendário cultural para Brasília.

Por que a iniciativa privada em Brasília é tão amadora? Por que não se investe em projetos culturais aqui? Falta visão ou falta informação?



Elson Soares

O embaixador Wladimir Murtinho se considera otimista e vê a cidade com chances de acertar

— Não há o clima que leve a isto. Os eventos importantes ocorrem e não encontram eco. A complementação dos vitrais da catedral é um exemplo. Outro exemplo é a exposição que os franceses fizeram no Museu de Arte de Brasília e que não obteve a menor repercussão. E isto tudo apesar de existirem dois jornais com segundo caderno, que já fazem parte do cotidiano da cidade, que tem a capacidade de interessar as pessoas. Porque durante muitos anos, jornais locais não eram lidos.

Gente competente existe falta programa. Saber como capitalizar recursos e como utilizar a infra-estrutura local

Mas o Gran Circo-Lar vai ser recuperado com apoio do Ministério da Cultura. Será inaugurada uma Biblioteca Pública de Brasília talvez ainda neste governo. Será criado um sistema de bibliotecas do DF. Então não podemos ter a sensação de que tudo está paralisado.

— O que considera essencial para a cultura em Brasília neste momento?

— Retomar os espaços da 508 Sul é o ponto que vai permitir um novo entusiasmo. E depois é bom registrar

uma peculiaridade do novo Governo. É a primeira vez que o Governo Federal será representado por alguém que morou e estudou na cidade, alguém que sabe onde é que fica a W-3.

— Falta projeto ou faltam pessoas competentes para fazer mover a cultura em Brasília?

— Falta programa. Existe gente competente. Há necessidade de saber como capitalizar recursos e como utilizar a infra-estrutura disponível. Agora, nada será possível sem o entusiasmo do público. Eu tenho a mais absoluta convicção de que a cidade terá o seu peso específico no desenvolvimento cultural do País. Eu sou otimista. Estamos com o projeto quase pronto para o Conjunto Cultural que certamente será construído na próxima administração, com arquivo, biblioteca e museu de arte, na Esplanada dos Ministérios. Talvez quando preencher aquele vazio, a cidade tome consciência de que está pronta e se transforme no centro cultural que merece ser.

— Como o senhor se posiciona em relação à extinção do Ministério da Cultura? O senhor é a favor ou contra?

— Eu sou a favor do Ministério. Porque o Ministério é, na realidade, uma estrutura de custo barato. Ninguém cogita de acabar com as fundações. Estruturas como a da Biblioteca Nacional existem no País desde 1810. Então vamos acabar com isto como? É o Ministério que coordena

estas estruturas. Eu diria que o que as autoridades locais deveriam fazer, é buscar cada vez mais o apoio do MinC para todos os programas, seja de biblioteca, cinema ou teatro.

— O orçamento do Ministério da Cultura não ultrapassa os zero vingula qualquer coisa do orçamento do Governo Federal. Como vê esta questão em relação ao Ministério e em relação a outras instituições de cultura?

— Devemos nos lembrar que quando fazia parte do Ministério da

É essencial retomar os espaços da 508 Sul. Este ponto pode oferecer um novo entusiasmo à cidade

Educação, o percentual destinado à cultura era ainda menor. E é preciso ainda lembrar que não há turismo onde não existe uma estrutura cultural funcionando: teatros, monumentos restaurados etc. A ligação da estrutura cultural com o turismo é um fato. Evidentemente que tudo isto ocorre fora do âmbito do Ministério da Cultura. Mas ele é o órgão de coordenação e de apoio. Como o País pode participar de um Congresso de Ministros da Cultura da América Latina e Caribe, sem Ministério?